

Silêncio e mistério em Tongobriga

written by Rui Paulo Costa | 9 de Dezembro, 2025



As ruínas de Tongobriga, situadas no alto de uma colina sobre o vale do Tâmega, formam hoje um campo arqueológico onde as marcas deixadas pela transformação dos povos e pelo impacto romano permanecem visíveis.

Nos próximos parágrafos vamo-nos fazer uma breve reconstrução da **paisagem histórica de Tongobriga**, com enfoque no **confronto cultural** e nas **metodologias de escavação** aplicadas no sítio, desde há quase meio século.



Durante a visita fomos devidamente orientados pelo arqueólogo assistente, Jorge Pereira (ao centro), que trabalha na estação arqueológica do Freixo (Tongobriga), desde os anos 90. Foto de DIMYTRY LIMA/O CIDADÃO.

A primeira referência temporal concreta surge com uma intervenção universitária no ano de **1980**, quando uma equipa de estudantes decidiu iniciar escavações naquele terreno, numa iniciativa que não surgira de uma grande missão científica institucionalizada, mas de um impulso académico. O episódio inicial é registado como um momento marcante: a primeira quadrícula aberta corresponderia, por coincidência, exactamente ao espaço das termas romanas. O sucesso dessa primeira sondagem determinaria o interesse renovado pelo

sítio, que mais tarde viria a ser reconhecido como um complexo urbano romano de grande dimensão.



As termas coexistem lado a lado. O Balneário castrejo à esquerda e as termas romanas à direita. Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O CIDADÃO.

A partir deste ponto, a investigação evoluiu com metodologias rigorosas, característica essencial do trabalho arqueológico moderno. Na arqueologia o ato de escavar é como ler um livro e arrancar cada página depois de lida o que demonstra a consciência de que a intervenção sobre o solo destrói contextos físicos que não podem ser restaurados. **Cada camada de terra removida deixa de existir e com ela desaparecem relações materiais fundamentais para a compreensão dos vestígios.** Fotografia, planta, desenho, registo georreferenciado e descrição pormenorizada tornam-se ferramentas indispensáveis. A arqueologia é, assim, uma ciência da irreversibilidade.

A compreensão histórica ganha profundidade quando se compara o valor isolado de um objeto ao valor do seu contexto. Uma **moeda**

romana encontrada numa escavação casual, por exemplo, é apenas um artefacto. Porém, o mesmo achado identificado numa camada selada e datada converte-se numa peça temporal que permite datar a fase de ocupação. **O objeto torna-se prova**, deixando de ser apenas curiosidade material.



Medalhão em ouro feito a partir de uma moeda de ouro trabalhada. Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O CIDADÃO

A evolução dos métodos também se observa no tratamento de materiais considerados irrelevantes nas primeiras campanhas. Tégulas (telha plana) e ímbrices (telha curva), que são telhas romanas, apareciam em quantidade tão elevada que eram empilhadas como entulho.



Tégulas e Ímbrice. Foto de SÔ-RUI/O CIDADÃO

Com o avanço das técnicas laboratoriais, esses fragmentos passaram a fornecer pistas sobre proveniência de argila, rotas de comércio, organização de oficinas e até detalhes antrópicos, como marcas de animais ou impressões digitais fossilizadas. Se antes eram descartadas, hoje **cada lasca de cerâmica pode constituir uma narrativa microscópica do cotidiano romano.**

O valor histórico de Tongobriga não reside apenas nos objetos, mas no próprio modo como os romanos administraram o território. A cidade nasce sobre ocupação castreja. O sufixo **briga**, de raiz celta, traduz povoado fortificado em altura.



Segmento de muralha reconstruída tendo como base parte de muralha existente. Foto de DIMYTRY LIMA/O CIDADÃO

O facto de os romanos manterem parte do topónimo indica pragmatismo político, embora a ação sobre a paisagem revele uma estratégia diferente. Em vez de erguer uma nova urbe à parte, **construíram por cima da pré-existente**, eliminando progressivamente traços da arquitetura circular castreja, substituída por casas rectangulares com impluvium. Trata-se de uma demonstração física de poder, que evidencia o processo de romanização como substituição cultural estruturada.



O impluvium. Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O CIDADÃO

As escavações revelam que a imposição não se limitou a formas de habitação. Um balneário castrejo identificado no local foi convertido pelos romanos em **latrinas públicas**, o que sugere um acto de domínio simbólico sobre o ponto religioso central do povoado nativo. Transformar o sagrado em profano constitui uma mensagem política evidente, destinada a quebrar moral e identidade comunitária. Não se trata apenas de arquitetura, mas de intervenção psicológica num contexto de conquista territorial.



Réplica em madeira das latrinas romanas, as

originais seriam em pedra. Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O CIDADÃO.

Tongobriga funcionou como polo administrativo e urbano durante pelo menos dois séculos. Entre os séculos II e III, estima-se uma população **entre 2000 e 2500 habitantes**, para a qual as termas desempenharam papel central. O espaço não era apenas destinado a banhos, mas a actividades sociais, transacções comerciais e encontros políticos. O circuito térmico romano incluía frigidário, tepidário e caldário, numa progressão térmica que articulava o corpo com o convívio. Havia salas de massagem, banhos de vapor e zonas de circulação. Nas latrinas comunitárias, alinhadas lado a lado, observa-se a dimensão pública do quotidiano. O local funcionava como centro do foro social, demonstrando a importância do saneamento e do lazer como mecanismo de organização urbana.



Circuito termal e piscina ao ar livre. Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O CIDADÃO

A investigação evidencia ainda a desigualdade social da época. Entre os detalhes preservados destaca-se o relato sobre o uso de escravos **para** aquecer assentos de pedra antes da entrada de cidadãos abastados. O gesto traduz desumanização estrutural e descreve relações de poder instituídas pelo direito romano, prática que hoje constitui elemento elucidativo da distância social dentro do império. **Tongobriga reflecte, assim, não só a presença militar, mas um modelo social hierarquizado e urbano.**

A pergunta que acompanha arqueólogos e investigadores permanece: porque motivo foi abandonada uma cidade tão desenvolvida? O silêncio que recai sobre o local parece abrupto, não gradual. Duas descobertas apontam para esse cenário. A primeira consiste num **tesouro de mais de 400 moedas de prata**, enterrado no chão de uma habitação. O conjunto continha moedas acumuladas durante três gerações, o que reforça a ideia de que representava património familiar, guardado com valor significativo. A ocultação num esconderijo doméstico sugere urgência. Abandonar uma fortuna construída ao longo de décadas indica que os habitantes tencionavam regressar, mas não regressaram.



Tesouros deixados para trás. Foto de SÔ-RUI/0
CIDADÃO

A segunda pista relaciona-se com o colapso estrutural das termas. Os blocos de pedra da abóbada foram encontrados juntos no pavimento, formando um cenário de queda simultânea. Não se trata de degradação lenta por erosão, mas de **colapso súbito e violento**. A análise cruzada com dados de Chaves (antiga Aquaflávia), cidade destruída na mesma época e também localizada sobre a falha geológica do Tâmega, reforça a hipótese de um **sismo de grande magnitude**. A queda das estruturas, possivelmente acompanhada pela destruição do aqueduto, poderá ter deixado o espaço inabitável, conduzindo a

uma evacuação imediata.



Vestígios de uma queda abrupta da abóboda foram encontrados no pavimento. Foto de SÔ-RUI/O CIDADÃO

A história de Tongobriga recua agora mais de mil anos para além do que inicialmente se supunha. Durante escavações no Fórum, sob as fundações romanas surgiram **silos escavados na rocha datados de cerca de 1500 a.C.** A datação por carbono-14 posiciona estes vestígios no Bronze Final, transformando o local num dos mais antigos registos contínuos da região. O território não foi apenas romanizado; foi previamente castrejo e, antes disso, agrícola. As camadas do subsolo revelam não apenas ruínas, mas memória agrícola, sobrevivência, armazenamento de grão e continuidade humana.



Sementes. Foto de SÔ-RUI/O CIDADÃO

A arqueologia dá mostras de que **grande parte do sítio permanece propositadamente por escavar**. A decisão não se deve apenas a falta de recursos, mas a uma gestão patrimonial que procura preservar áreas intactas para futuras gerações, que terão acesso a tecnologias mais avançadas. Mais do que ruína exposta, Tongobriga é um depósito de informação ainda não revelada. A escavação total não é prioridade. O futuro científico sobrepõe-se ao desejo de descoberta imediata.

Caminhar pelo recinto permite reconhecer estruturas romanas com funções distintas: habitações com pátios interiores, sistemas de canalização, ruas orientadas, termas, templos, zonas produtivas e áreas comunitárias. O desenho urbano inclui **saneamento básico através de canalizações cerâmicas**, recolha de águas pluviais por impluvium e distribuição por cisternas. A lógica construtiva romana ali aplicada demonstra uma engenharia avançada para o período.



Domus romano. Foto de DIMYTRY LIMA/O
CIDADÃO

Numa leitura temporal, Tongobriga surge como ponto de contacto entre o mundo castrejo e a administração imperial. Não há indícios fortes de coexistência pacífica prolongada. A cidade representa a reorganização territorial e identitária imposta pelo império. A técnica militar romana de **desenraizamento**

consistia em destruir castros próximos, deslocar sobreviventes e integrá-los na nova malha urbana, obrigando-os a adotar língua, economia e costumes romanos. As comunidades absorvidas perdiam autonomia cultural progressivamente.



Construções castrejas. Foto de DIMYTRY LIMA/O CIDADÃO

Ao longo da visita, a narrativa evidencia que a arqueologia, quando analisada a partir da prática de campo, ultrapassa o estatuto de catálogo de objetos. Torna-se investigação de processos, interpretação social e leitura de camadas narrativas. O solo funciona como arquivo. **Cada fragmento é palavra, cada camada é capítulo, e o sítio completo é livro em constante reescrita.**

A paisagem de Tongobriga confronta o visitante com silêncio material. Onde antes existiam mercados, rituais, conversas e água quente a circular, hoje observa-se pasto, vento, ruína e pedra exposta. O abandono não apagou a cidade, mas suspendeu-a no tempo. Tal suspensão abre espaço para questão maior: quantas histórias permanecem soterradas, à espera de recurso técnico e tempo?

A arqueologia continua a devolver fragmentos desse passado. O estudo arqueobotânico dos silos pré-romanos poderá revelar espécies cultivadas, rotinas alimentares e redes de troca. A

cerâmica poderá indicar oficinas locais ou importações. A análise isotópica de ossos humanos, se vier a ocorrer, permitirá compreender mobilidade, dieta e eventual presença de migrantes. A investigação geológica pode confirmar ou refutar o episódio sísmico, identificando depósitos de liquefação, fraturas e desníveis. **O sítio é laboratório vivo.**



Campo onde se encontra o Forum, ainda tem muito para explorar. Foto de SÔ-RUI/O CIDADÃO.

O abandono súbito cria um vazio interpretativo que desafia historiadores. Um terramoto constitui explicação plausível, mas não exclusiva. Alterações políticas, reorganização administrativa imperial, epidemia ou deslocação estratégica também podem ter contribuído. A cidade pode ter perdido relevância económica, especialmente se rotas comerciais mudaram de eixo. A ausência de retorno dos habitantes após esconderem riqueza levanta a hipótese de trauma comunitário. A perda do aqueduto, se ocorreu, teria comprometido abastecimento e higiene, tornando a cidade insalubre. Sem água, termas tornam-se inutilizáveis. Sem termas, perde-se o núcleo social. A decomposição funcional pode ter sido acelerada por ruína estrutural.

A monumentalidade do edifício termal indica investimento significativo. Construir abóbada de pedra com dezenas de toneladas exige engenharia e mão-de-obra especializada. A

forma como caiu sugere vibração intensa. Se um sismo ocorreu, a queda simultânea da estrutura confirma magnitude elevada. O paralelo com Chaves, destruída no mesmo período, reforça a relação geológica. **A falha do Tâmega**, descrita como eixo comum, constitui elemento central. Uma ruptura tectónica pode ter originado não só colapso arquitectónico, mas também deslocamento populacional em massa.

O presente arqueológico depende da forma como o passado foi destruído. A queda súbita preserva contextos melhor do que abandono lento. Objetos permanecem in situ. A prata enterrada não foi resgatada. Estruturas não foram desmontadas. O silêncio evidencia urgência. **A cidade congelou num instante.**

Tongobriga cumpre o papel de arquivo de múltiplos tempos. A ocupação no Bronze demonstra antiguidade agrícola. A fase castreja representa organização tribal e circularidade social. O período romano exhibe integração imperial. O colapso e abandono encerram a narrativa com interrogação aberta.

Se grande parte permanece por escavar, o futuro do sítio projeta-se para investigação. Equipas futuras poderão revelar áreas residenciais ainda soterradas, necrópoles íntegras, estruturas de culto, traços de mosaico, grafitos, utensílios domésticos e restos orgânicos que permitam reconstruir dieta, saúde e economia. Técnica de fotogrametria, radar de penetração e análise sedimentar já expandem capacidade interpretativa. Dentro de décadas, novas metodologias poderão identificar ADN em solos, reconstruir perfis populacionais e mapear sequências ocupacionais sem escavação destrutiva.



Necrópole. Foto de SÕ-RUI/O
CIDADÃO

Tongobriga mantém-se como lugar onde a história permanece parcialmente escrita. O visitante de hoje observa ruína exposta, mas caminha sobre estratos sucessivos que só surgirão quando ciência permitir leitura mais fina. O território não é apenas memória visível, mas **potencial narrativo ainda enterrado**.

A paisagem moderna contrasta com o imaginário antigo. Onde se via pedra trabalhada, água a correr em canalização, mármore polido, mosaico colorido e vida urbana intensa, vê-se agora campo aberto. O silêncio substitui o rumor das termas. A ausência substitui o comércio. Essa transformação impõe reflexão sobre fragilidade das civilizações. Uma cidade activa pode tornar-se ruína em horas.

A cobertura vegetal cresce sobre o que resta. As estruturas restauradas permitem visita pública, com trilhos definidos e placas informativas. Parte das termas está visível, com planta que indica frigidário, tepidário e caldário. O mosaico de pedra foi consolidado. Os muros de habitação mostram planta rectangular, com pátio interior. A rua principal está demarcada. As latrinas permanecem identificáveis. O Fórum apresenta plataforma elevada. O balneário castrejo está parcialmente delimitado. A área agrícola pré-histórica ainda se conserva sob camadas superiores.



Balneário Castrejo, com destaque para apedra formosa. Foto de SÔ-RUI/0 CIDADÃO.

O espaço convida à interpretação. Os arqueólogos trabalham com rigor técnico. Registo fotográfico, desenho e medição documentam o presente. Estudos laboratoriais complementam a análise. Equipas multidisciplinares cruzam dados geológicos, botânicos, cerâmicos e históricos. A arqueologia torna-se ciência integradora. Tongobriga torna-se exemplo.

A decisão de manter parte do sítio intocada demonstra visão estratégica. Escavar tudo destruiria futuro interpretativo. A terra funciona como capa protectora. A preservação garante investigação de longo prazo. A arqueologia não procura apenas respostas, procura condições para novas perguntas. **O passado não está fechado.**

A cidade romana que se observa hoje é fragmento. A cidade castreja é fantasma estrutural. A cidade do Bronze é sombra profunda. A possibilidade de reescrita histórica está presente em cada nova escavação. A descoberta dos silos pré-romanos mostra como uma única sondagem pode alterar cronologia em mil anos. O sítio desafia certeza. O território demonstra que conhecimento histórico é processo e não conclusão.

Tongobriga é um território de memória, esquecimento e revelação. A história ali não é linha contínua, mas sobreposição de camadas, cada uma com início, auge e abandono.

O local permanece como símbolo de transformação cultural e de colapso. Mais do que ruína, é arquivo vivo.

No Marco de Canaveses, o visitante encontra uma paisagem tranquila. O som da água do Tâmega acompanha o percurso. As pedras reveladas ao sol exibem cicatrizes de tempo. Não há multidões. Há silêncio. Esse silêncio, porém, não é vazio. É **história à espera de ser novamente lida.**



Marco de Canaveses. CMM direitos reservados

A importância de Tongobriga para o estudo da romanização do Noroeste peninsular é reconhecida. O sítio mostra como o império integrou e substituiu comunidades locais. Demonstra como a arquitetura se tornou instrumento de poder. Revela como sistemas de água, termas e fórum estruturaram vida urbana. Mostra como objectos simples, fragmentados, podem narrar vida doméstica. Ensina que abandono repentino preserva memória de modo singular.



Objetos da vida doméstica.
Foto de SEBASTIÃO SEQUEIRA/O
CIDADÃO

Tongobriga não é apenas património arqueológico. É estudo sobre humanidade, sobre a forma como civilizações constroem, dominam, evoluem e desaparecem.

A pergunta final mantém-se: **quantas cidades desapareceram tão repentinamente quanto Tongobriga e quantas permanecem escondidas, aguardando descoberta?** A terra guarda respostas. O tempo controla o ritmo com que são dadas. Tongobriga permanece aberta, silenciosa e em grande parte por desvendar.

OC/RPC/DL/SS